

**Edna da Silva**



**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO BERÇÁRIO:**

**DESCOBRINDO TEXTURAS**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2015

**Edna da Silva**

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NO BERÇÁRIO:**

**DESCOBRINDO TEXTURAS**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Soraia Nunes Nogueira

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Silva, Edna da, 1963-

Ensino de Artes Visuais no Berçário; Descobrimo texturas: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Edna da Silva. – 2015. 35f.

Orientadora: Soraia Nunes Nogueira

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Nogueira, Soraia Nunes. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *Ensino de Artes Visuais no Berçário; Descobrindo texturas*, de autoria de Edna da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Soraia Nunes Nogueira - Orientador

---

Virgílio Vasconcelos - Professor membro da banca

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV  
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por estar sempre comigo, aos colegas, em especial Flávia de Paula, Graciene Claudino, Elisangela, Hérika e também as minhas tutoras Maria José Boaventura e Silvana Fernandino, minha orientadora Soraia e não poderia deixar de citar Humberto Inchausti e Ana Maria Teles que estiveram presentes no início desta caminhada. Que Deus abençoe vocês e obrigado por fazerem parte da minha vida!

“Ensina a criança o caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.” Provérbios 22:6

## RESUMO

Este trabalho de início aborda a trajetória do Ensino de Arte no Brasil, desde a época dos jesuítas até chegar a Proposta da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, proposta esta que permeia todos os caminhos metodológicos que se possa criar para ensinar arte. Um dos objetivos é mostrar o papel da arte na educação e do educador como propositor de ações que visam estimular a criatividade e imaginação da criança. Usando como metodologia a Proposta da Abordagem Triangular, foi possível verificar que a relação da criança com a Arte se dá de forma natural cabendo ao educador apresentar os elementos visuais, facilitando assim o reconhecimento e se interação com as imagens existentes no meio em que está inserida. A importância da exploração sensorial e a consciência tátil nas crianças de 0 a 2 anos serviram de base para criar o projeto que explora as texturas, atividade desenvolvida no Centro de Educação Infantil "Nelson Alvarenga", na cidade de Formiga, Minas Gerais. Em síntese foi verificada a possibilidade de se trabalhar artes no Berçário, com crianças de 0 a 2 anos, foram utilizados materiais do cotidiano para facilitar o reconhecimento e fruição da proposta.

**Palavras-chave:** Proposta da Abordagem Triangular. Ensino de Arte. Texturas.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Tipos de texturas.....	20
FIGURA 2 – Ronaldo explorando texturas.....	20
FIGURA 3 – Moisés tocando a textura lisa.....	21
FIGURA 4 – Miguel (8 meses) de olho na máquina fotográfica.....	21
FIGURA 5 – Cordas, fios de lã, barbantes.....	22
FIGURA 6 – Crianças brincando com cordas, fios de lã e barbantes.....	22
FIGURA 7 – Apresentação dos materiais.....	23
FIGURA 8 – Textura do tatame.....	23
FIGURA 9 – O brilho do papel laminado.....	24
FIGURA 10 – A maciez do tapete.....	24
FIGURA 11 – Giovana e o plástico bolha.....	25
FIGURA 12 – Lívia decidindo o que fazer com o papel.....	25
FIGURA 13 – Outras possibilidades.....	26
FIGURA 14 – Os “cabelos” de Miguel.....	26
FIGURA 15 – Lívia Ferreira com seu vestido estampado.....	27
FIGURA 16 – Miguel esticando os lençóis.....	27
FIGURA 17 – Isadora e sua capa.....	28
FIGURA 18 – Guilherme se escondendo da chuva.....	28
FIGURA 19 – João surpreso com o barulho das bolhas.....	29
FIGURA 20 – Giovana interagindo com João.....	29

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. TRAJETÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL.....</b>	<b>11</b>
1.1. Proposta da Abordagem Triangular.....	12
1.2. O papel da arte na educação.....	12
1.3. O papel do educador.....	13
<b>2. O ENSINO DE ARTES NO BERÇÁRIO.....</b>	<b>15</b>
2.1. Elementos estruturais básicos da imagem.....	16
2.1.2. Ponto.....	16
2.1.3. Linha.....	17
2.1.4. Forma.....	17
2.1.5. Cor.....	17
2.1.6. Textura.....	17
<b>3. DESCOBRINDO TEXTURAS.....</b>	<b>19</b>
3.1. Apreciar.....	20
3.2. Fazer.....	25
3.3. Contextualizar.....	27
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>31</b>
<b>Referências.....</b>	<b>32</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

Quando se fala em Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil vem a mente mãos sujas de tinta e rabiscos apenas, a dificuldade de propor e executar planos de aula e de acordo com Pimentel (2014), é um grande desafio para o educador. A falta de formação faz com que o educador se prenda a materiais e práticas tradicionais, acabando por realizar aulas monótonas e repetitivas, impedindo a criança de ter acesso a descobertas através das vivências estéticas.

É necessário perceber a importância do Ensino de Artes, nas séries iniciais, nessa fase o “Apreciar”, o “Fazer” e o “Contextualizar” são ações fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, no que diz respeito a angariar experiências que irão nortear o indivíduo não só na vida escolar, mas na sua relação com o meio em que vive e na criação e construção de imagens.

Antigamente, a palavra creche, era um lugar onde a criança ficava para brincar, hoje a nomenclatura foi mudada para Centro de Educação, ali a criança aprende a andar e dar os primeiros passos na construção do conhecimento e descoberta de sua subjetividade. De acordo com Stabile (1988), arte é para as crianças pequenas a forma mais fácil de comunicar, é a linguagem através da qual expressa seus pensamentos, já que a linguagem oral está em formação. E para Dondis(1997), a experiência visual é importante para a aprendizagem.

Este trabalho teve por objetivo elucidar a importância e possibilidades do Ensino de Artes Visuais na Educação Infantil, especificamente na Turma do Berçário I e II, do Centro de Educação Infantil “Nelson Alvarenga” na cidade de Formiga Minas Gerais e focará a textura, e de forma secundária os outros elementos visuais: cor, ponto, linha, forma. Para registro foram captadas imagens com autorização dos respectivos responsáveis pelos menores.

## 1. TRAJETÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL

Pode-se afirmar que o Ensino da Arte no Brasil foi iniciado pelos jesuítas que através da catequese organizaram o primeiro sistema de ensino no Brasil, o qual fazia separação entre artes liberais e ofícios manuais, a partir do conceito: de que arte é luxo e símbolo de distinção social. Com a expulsão dos jesuítas veio a Missão Francesa, em 1816, para criar a Escola de Ciências, Artes e Ofícios para o ensino de ofícios artísticos e mecânicos. Depois de 10 anos, começou a funcionar como Academia Imperial de Belas Artes com foco na formação artística. Com a mudança de nome, houve também mudança na clientela, da popular para a burguesa.

O ensino da arte começou como ensino do desenho em várias categorias: o desenho artístico, gráfico, industrial e decorativo. Com o início da industrialização brasileira em 1870, se viu a necessidade do desenho na educação. E em 1878, André Rebouças publica um artigo, no qual defende a generalização do ensino do desenho para todas as classes sociais.

Deve-se muito a Rui Barbosa, a implantação da arte como disciplina nas escolas primárias e secundárias, sendo que sua obrigatoriedade está baseada nas ideias dele.

Os modelos estrangeiros eram tidos ainda como referência, mas começou a se intensificar a preocupação com a identidade nacional. No movimento Modernista se pôde ver a atuação de muitas mulheres como arte-educadoras. Noêmia Varela foi uma delas, com suas escolinhas de arte, considerada a primeira instituição de ensino moderno.

Diante de todo este aparato de informações percebe-se que há uma ligação muito forte entre Educação e Política, por várias vezes o destino da Educação foi norteador por interesses políticos. A arte tem papel significativo na situação político-social do país, foi representada artisticamente nas obras de Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Anita Malfatti entre outros.

## 1.1 Proposta da Abordagem Triangular

A partir de 1990 foi sistematizada por Ana Mae Barbosa uma concepção de construção de conhecimento em artes, denominada “Proposta Triangular do Ensino da Arte” elaborada a partir de três ações da Arte: apreciar obras de arte, fazer obras de arte e contextualizá-las. Ela também enfatiza a importância que o conhecimento da linguagem tem, não só para o desenvolvimento da subjetividade, mas também para o desenvolvimento profissional.

A Proposta da Abordagem Triangular (Fazer Arte, Apreciar Arte, Contextualizar) permeia todos os caminhos metodológicos que se possa criar para ensinar arte. Apesar de não ter um senso Crítico e Estético desenvolvidos, áreas necessárias para a ação do apreciar, a criança consegue, usando a imaginação. Mostre uma flor para uma criança, deixe que ela sinta seu perfume, manuseie suas pétalas e folhas, sinta-a no próprio corpo e até destrua-a na busca de respostas à sua curiosidade. (STABILE, 1988, p.9.)

Partindo da interpretação feita do referencial, a criança consegue usar a criatividade e fazer a releitura da obra à sua maneira. Não é o resultado da obra que se usa para avaliar se houve aprendizagem, mas o processo em si. De acordo com Stabile,

Desde bem pequena a criança tem necessidade de se expressar. Uma vez que a linguagem infantil ainda está em formação e a escrita longe de ser dominada, as atividades artísticas tornam-se a forma mais fácil e sincera de comunicação de sua atividade mental. (STABILE, 1988, p.9.)

Ao estabelecer a relação da obra com o mundo ao redor, a criança é levada a refletir, contextualizar, construir novos conceitos e encontrar seu espaço no meio e ser construtora da sua própria história. É neste processo que ocorre a interação do subjetivo com a realidade. “Expressando-se a criança caminha para um ajustamento pessoal e obtém segurança no relacionamento social.” (STABILE, 1988, p.9).

## 1.2 O papel da arte na educação

Qual é o papel da Arte na educação? Barbosa (2008) afirma que:

O papel da Arte na educação está relacionado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido ao que, até então, se encontrava no domínio da imaginação, da percepção, é uma das funções da Arte na escola. (BARBOSA, 2008, p.71)

A relação da criança com a arte é comparável a do homem pré-histórico, que pintava nas paredes das cavernas e pedras imagens do cotidiano como forma de expressão. De acordo com Sousa (2008), esta espécie de manifestação artística tinha a intenção de registrar situações do seu dia a dia.

Assim também faz a criança, por não ter a linguagem oral e escrita formada, tem necessidade de expressar o que vê, sente e percebe. Para Stabile (1988), a aula de artes é oportunidade de manifestar o mundo interior, tornar real o seu imaginário. É conveniente lembrar,

No que se refere à avaliação formativa, deve-se ter em conta que não se trata de avaliar a criança, mas sim as situações de aprendizagem que foram oferecidas. Isso significa dizer que a expectativa em relação à aprendizagem da criança deve estar sempre vinculada às oportunidades e experiências que foram oferecidas a ela. (BRASIL, 1998, p.66)

Cabe ao educador a responsabilidade de proporcionar aos alunos experiências estéticas, explorar propriedades e possibilidades de materiais para se criar uma metodologia que explore a imaginação e criatividade. Portanto,

o lugar do educador tem aspectos similares ao lugar do artista, porque ele lida com a possibilidade de criar novos sentidos, tanto em relação aos conteúdos curriculares quanto em relação à informação e à percepção de seu próprio grupo de estudantes. Ele cria seu planejamento e seu caminho de ação, permitindo que o conteúdo trabalhado o transforme e o atualize a cada aula na relação com os alunos. (BARBIERI, 2012, p.41)

### 1.3 O papel do educador

Rosa Maria Stabile aborda alguns aspectos teóricos sobre a expressão artística na Educação Infantil e o problema da falta de formação adequada dos profissionais. Segundo ela,

Algumas escolas infantis não contam com um profissional especializado para ministrar as aulas de artes ou assessorá-las. Essa tarefa tem ficado a cargo do titular da classe. Caso este não tenha a formação adequada, estará desperdiçando um recurso valioso para o desenvolvimento de seus alunos(STABILE,1988 p. 7.).

Pensamento este encontrado também nas apostilas do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, que são de grande suporte para pesquisa de práticas e metodologias, explicitando de forma clara os métodos e reflexões pertinentes ao ensino de artes e formação de educadores. Como se vê,

Conhecer métodos e criar metodologias é o grande desafio do professor de Arte. Cabe a ele a decisão para cada processo proposto, com direito a desvios e retomadas sempre que preciso. O ensino de arte não é linear. Ao se ensinar e aprender arte é preciso que se assegure continuidade e ruptura, garantindo uma prática artística/pedagógica consistente, responsável e respeitável. As pessoas possuem inteligência e percepção, desenvolvidas em maior ou menor grau, dependendo das oportunidades que lhes foram oferecidas. O ensino de arte deve ir além da inteligência e da percepção já instituídas. É necessário trabalhar um outro nível de pensamento. Ao se lidar com arte, lida-se não somente com conhecimento específico, com sensibilidade e com emoção, com identidade e com subjetividade, mas também e certamente com o pensamento em outro nível que não é o comumente utilizado no dia a dia na escola. (PIMENTEL, 2014, p. 1).

Diante de tudo isto pode-se perceber que é preciso criar metodologias que proporcionem “oportunidades” de crescimento para a criança. A escola tem um papel importante na formação da sociedade, por isso a necessidade de estar em diálogo constante com a realidade de seu tempo e proporcionar meios para o desenvolvimento e interação do indivíduo, para que ele se conscientize do seu lugar no meio em que vive, sendo o educador peça fundamental neste processo e a formação do mesmo se faz necessária. O educador como propositor de ações deve

estar atento a estas especificidades. Além disso deve buscar propostas interessantes para não ficar limitado a suportes e materiais tradicionais; pesquisar outras possibilidades; e metodologias que favoreçam o ensino das artes visuais, usando elementos presentes no cotidiano de forma diferenciada; e visar contribuir para o desenvolvimento criativo e da imaginação tornando a criança parte do meio em que está inserida. Portanto a sensibilidade é essencial para quem trabalha com crianças pequenas.

## 2. O ENSINO DE ARTES NO BERÇÁRIO

Devido ao aumento da demanda, dos conhecimentos sobre o desenvolvimento em educação infantil e das políticas públicas na área, o profissional que trabalha com a turma de Berçário na Educação Infantil tem a difícil tarefa de unir educação e cuidados. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil :

Quanto menor a criança, mais as atitudes e procedimentos de cuidados dos adultos são de importância fundamental para o trabalho educativo que se realiza com ela. Na faixa de 0 a 6 anos os cuidados essenciais assumem um caráter prioritário na educação institucional das crianças. (BRASIL, 1998, p.16)

É possível trabalhar artes no Berçário? Levando em conta: o tempo, espaço, cuidados com o manuseio de materiais, choro e as necessidades fisiológicas? Em entrevista Holms afirma,

Os bebês são muito artísticos na forma com que se relacionam com o mundo. E eles me ensinam. Se você esquecer o que é a abordagem artística do mundo, basta ir a algum lugar do berçário e olhar como eles se relacionam com o mundo. São artistas de instalação desde o começo. É muito interessante ser um artista que trabalha com crianças pequenas. Você pode ter uma pequena ideia, algo pequeno, e eles tornam esse algo grande. (HOLMS, 2015, )

Diante desta afirmação entende-se que, o ensino de Arte para bebês, não é tão complicado quanto se faz crer, ele se dá de forma natural. O modo de ensinar Arte é que deve ser revisto, há a preocupação com resultados, quando na verdade o processo todo é importante desde a elaboração das propostas sua execução. Para Dondis,

A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil. Além desse conhecimento "manual", o reconhecimento inclui o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato com o meio ambiente. Esses sentidos são rapidamente intensificados e superados pelo plano icônico — a capacidade de ver, reconhecer e compreender, em termos visuais, as forças ambientais e emocionais. Praticamente desde nossa primeira experiência no mundo, passamos a organizar

nossas necessidades e nossos prazeres, nossas preferências e nossos temores, com base naquilo que vemos. Ou naquilo que queremos ver. (DONDIS, 1997, p. 5)

Para os bebês a experiência sensorial é primordial nesta fase para o desenvolvimento das emoções, cognição e futuras experiências estéticas. E este ponto de vista é reforçado por Stabile,

Todo o desenvolvimento da criança deve ter, como ponto de partida, a experimentação e a sensibilização. O que a criança é, o que sente e sabe ela aprende através dos sentidos e dos contatos diretos. [...] quanto mais a criança vivencia sensorialmente as coisas que tem para aprender, mais fácil será para ela formar seus conceitos cognitivamente. (STABILE, 1988, p. 8)

## **2.1 Elementos básicos estruturais da imagem**

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), as Artes Visuais fazem parte do cotidiano da criança, visto que a experiência visual é fator importante para o aprendizado, o educador deve favorecer a exploração dos elementos básicos estruturais da imagem: o ponto, linha, forma, cor, luz, textura, e o volume. Porém, a apresentação destes elementos deve ser feita de forma gradativa, respeitando o nível de desenvolvimento da criança e exige conhecimento para desenvolver metodologias adequadas e métodos a cada faixa etária sendo o educador responsável pela apresentação da imagem ao aluno. “Para analisar e compreender a estrutura total de uma linguagem visual, é conveniente concentrar-se nos elementos visuais individuais, um por um, para um conhecimento mais aprofundado de suas qualidades específicas. (DONDIS, 1997, p. 5)

### 2.1.1 Ponto

Elemento visual mais simples, a unidade visual mínima, o indicador e marcador de espaço; primeira unidade da imagem. O ponto constrói a imagem e funciona como referência no espaço visual por ter um grande poder de atração para a visão humana. Os pontos quando agrupados obtêm um expressivo efeito visual com formas ordenadas ou aleatória em que o olho reúne os pontos em uma única imagem.

### 2.1.2 Linha

Quando agrupamos os pontos muito próximos, em uma sequência ordenada e de mesmo tamanho, causam uma ilusão de direção e podemos visualizar uma linha. As linhas podem ser classificadas como: **geométricas**: são abstratas e tem apenas uma dimensão, o comprimento; linhas desenhadas ou traçadas numa superfície qualquer; **físicas**: pode ser observada, principalmente, nos contornos dos objetos, naturais ou construídos, criada de maneira abstrata na forma de uma percepção visual ilusória e imaginária como fios de lã, fios de energia, rachaduras em pisos, horizonte etc.

### 2.1.3 Forma

A forma é derivada da organização imaginária que damos a um conjunto de linhas dando um sentido de orientação espacial e de reconhecimento da imagem representada. Existem três formas básicas: o círculo, o quadrado e o triângulo equilátero, cada qual com suas características e especificidades, exercendo no observador diferentes efeitos visuais e impressões quanto aos seus significados. A linha descreve uma forma. Na linguagem das artes visuais, a linha articula a complexidade da forma.

### 2.1.4 Cor

Elemento extremamente importante no aspecto final de uma composição; harmoniza as formas tornando-as agradáveis e atrativas. A cor atrai os olhares para o trabalho, seja ele clássico, moderno ou contemporâneo. Conhecer a teoria das cores, nos remete ao universo mágico que a arte proporciona, com ela é possível produzir efeitos e criar ilusões com a imagem, influencia o comportamento humano transmite mensagens e sensações.

Presente no cotidiano, pode ser encontrada na arquitetura, na natureza, decoração, artes plásticas, design, vestimentas etc.

### 2.1.5 Textura

Textura é o aspecto de uma superfície ou objeto que os distingue e identifica. Quando se olha ou se toca pode-se sentir se a textura é lisa, rugosa, macia, áspera ou ondulada. Ela pode ser classificada quanto à sua forma e natureza que ela se apresenta:

- Textura tátil: Aquela que quando se toca pode-se sentir as suas características pelo tato. Exemplos: reboco da parede, lixa.
- Textura ótica: Aquela que é criada pela ilusão do olho. Exemplo: a capa ou desenho que reproduza a imagem impressa de uma textura.
- Texturas naturais: Aquelas que caracterizam o aspecto exterior das coisas existentes na natureza. Exemplos: casca das árvores, rochas, folhas, madeira etc.
- Texturas artificiais: Aquelas que resultam da intervenção do homem através de diversas intervenções e materiais.
- Textura decorativa: Na pintura decorativa de ambientes, as texturas podem ser aplicadas em vários tipos de objetos e feitas com instrumentos e materiais variados. Exemplos: massa corrida, massa acrílica, gesso e os instrumentos podem ser: espátulas, pincéis, rolos, e outros.

Segundo Dondis,

a textura é o elemento visual que serve de substituto para as qualidades de outro sentido, o tato. Onde há uma textura real, as

qualidades táteis e óticas coexistem, não como tom e cor, que são unificados em um valor comparável e uniforme, mas de uma forma única e específica, que permite à mão e ao olho uma sensação individual, ainda que projetemos sobre ambos um forte significado associativo. O aspecto da lixa e a sensação por ela provocada têm o mesmo significado intelectual, mas não o mesmo valor. São experiências singulares, que podem ou não sugerir-se mutuamente em determinadas circunstâncias. O julgamento do olho costuma ser confirmado pela mão através da objetividade do tato. É realmente suave ou apenas parece ser? Será um entalhe ou uma imagem em realce? (DONDIS, 1997, p. 42)

Como já citado anteriormente, por Stabile (1988), a criança aprende através dos sentidos e dos contatos diretos. E de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,

Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar objetos e até mesmo o seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. (BRASIL, vol. 3, p. 85)

As texturas estão presentes no cotidiano da criança, desde que ela nasce entra em contato com os diversos tipos existentes. Ao segurar a mamadeira, tocar o peito da mãe, tomar banho, na troca da fralda, isto de certa maneira amplia sua visão do mundo, proporcionando assim descobertas ao manipular objetos variados. A Arte Visual é linguagem de extrema importância na expressão e comunicação humana, como lembra o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) há pouco tempo os bebês ficavam envoltos em faixas e cueiros, o que impedia sua movimentação, impedindo-o de interagir com o ambiente e dificultando assim o desenvolvimento de suas habilidades. A presença das Artes no contexto da educação e em especial da educação infantil, que inclui o berçário, veio modificar esta postura de que bebês não estão preparados aprender, interagir com o meio. No próximo capítulo será desenvolvido um projeto com diversos tipos de texturas, ressaltando a importância da consciência tátil na aprendizagem.

### **3. DESCOBRINDO TEXTURAS**

Baseado nas três ações da Proposta da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, o Projeto Descobrindo Texturas foi desenvolvido com o objetivo de explorar e manusear vários tipos de materiais com diferentes texturas e ampliar o conhecimento de si e do meio em que vive para que possa interagir, expressar, exercitar a imaginação e criatividade através de linguagem artística. As atividades foram realizadas no Centro de Educação Infantil “Nelson Alvarenga” situado na cidade de Formiga - Minas Gerais, na Turma do Berçário I e II, que funciona na mesma sala com crianças na faixa etária de 4 meses a 2 anos, com ajuda de duas educadoras, as atividades foram realizadas em dias alternados, devido a tenra idade das crianças e o cuidado e atenção exigidos no manuseio de alguns materiais. O plástico bolha, cordas, barbantes, papel comum e laminado, além de diversos tipos de tecido foram os materiais utilizados na realização do projeto.

#### **3.1 Apreciar**

Para iniciar as atividades foi apresentado para as crianças materiais com textura áspera, macia e dura, colados dentro de uma mão recortada em cartolina para que pudessem conhecer diferentes tipos de texturas (FIG. 1 a 4).

Figura 1 – Tipos de texturas



Figura 2 – Ronaldo explorando textura



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura 3 – Moisés tocando a textura lisa



Fonte: Edna da Silva, 2015

Respeitando o ritmo de cada um a atividade foi realizada com todas as crianças, inclusive os bebês, que demonstram curiosidade ao tocar os materiais e sentir as texturas. Observou-se que, ficaram dispersos quando ouviam algum barulho durante a atividade (FIG. 4)

Figura 4 – Miguel (8 meses) de olho na máquina fotográfica



Fonte: Edna da Silva, 2015

Em outro momento foram apresentadas às crianças outras texturas como cordas e fios de lã, tecidos variados, plástico bolha.. Materiais presentes no seu universo, como a corda do balanço, o cadarço do tênis a toalha do banho, o toque da pele, o papel laminado, lã do casaquinho entre outros (FIG. 5 a 12).

Figura 5 – Cordas, fios de lã, barbantes



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura 6 – Crianças brincando com cordas, fios e barbantes



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura 7 – Apresentação dos tecidos



Fonte: Edna da Silva, 2015

Os materiais foram apresentados, houve estímulos e conversas. As crianças se mostraram curiosas em relação aos materiais (FIG.8).

Figura 8 – Textura do tatame



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura 9 – Tem de todas as cores



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura 10 – O brilho do papel laminado



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura11 – A maciez do tapete



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura12 – Giovana e o plástico bolha



Fonte: Edna da Silva, 2015

### 3.2 Fazer

Em seguida as crianças puderam interagir e agir com/sobre os materiais. Na segunda ação, o fazer pode ser notado o envolvimento das crianças de um modo natural, cada uma agindo com criatividade e imaginação sem seguir padrões pré determinados, assumindo atitude investigativa, tão própria do fazer artístico e da criança (FIG. 13 a 14)

Figura 13 – Lívia decidindo o que fazer com o papel



Fonte: Edna da Silva, 2015

O objetivo da atividade era conhecer tipos de textura, mas usando a criatividade e imaginação descobriram outras possibilidades (FIG.14)

Figura 14 – Outras possibilidades



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura 15 – Os “cabelos” de Miguel



Fonte: Edna da Silva, 2015

### 3.3 Contextualizar

As atividades relativas a esta ação foram uma descoberta para as crianças e as educadoras também, que ficaram surpresas com os resultados. Apresentado o material para eles em seguida falou-se das possíveis ações que os mesmos podem sofrer. No caso do tecido, foi mostrado roupas, toalhas de banho, lençóis (FIG.17), cobertores, cortinas. Algumas crianças usaram os tecidos como cobertor quando falamos que estava frio (FIG. 18), outras como capa de chuva quando chovendo (FIG.19), enrolaram tecido em volta do corpo como vestimentas (FIG.16)

Figura 16 – Lívia Ferreira com seu vestido estampado



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura 17 – Miguel esticando os lençóis



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura 18 – Isadora e sua capa



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura19 -- Guilherme se escondendo da chuva



Fonte: Edna da Silva, 2015

Na última atividade aplicada, algumas crianças não demonstraram interesse ao sentir a textura do plástico bolha, outras ficaram eufóricas como João (FIG. 20), que assimilou tão bem, que chegou a tentar “estourar” as bolinhas no braço da educadora, que eram picadas de pernilongo, e não contente mordeu o seu braço. E, posteriormente quando perguntado quem havia mordido o braço da “tia”, ele disse que não havia sido ele e sim o “lolongo” (pernilongo). Os que já falam algumas palavras pedem para fazer “tividade” (atividade), e a interação entre eles foi visível, queriam compartilhar as descobertas com o colega e pôde se perceber aumento de vocabulário e autonomia (FIG. 21).

Figura 20 – João surpreso com o barulho das bolhinhas



Fonte: Edna da Silva, 2015

Figura 21– Giovana interagindo com João



Fonte: Edna da Silva, 2015

## Considerações finais

Utilizando as texturas foi possível trabalhar outros elementos visuais como a cor e a linha, de modo despretensioso, estimular os sentidos do tato e visão, além da criatividade e imaginação e interação entre eles, utilizando como metodologia a Proposta da Abordagem Triangular e descobrir as texturas dos materiais como método. Os resultados das atividades foram satisfatórios, as crianças superaram as expectativas. A proposta era conhecer a textura de tecidos, lãs, cordas, plásticos e papel, relacionadas com objetos e materiais existentes no cotidiano, assim como não há normas fixas numa produção artística, as mesmas não existem para a exploração de materiais, fazer descobertas é parte do fazer artístico e a relação da criança desde cedo com elementos que estruturam a imagem, facilitam a compreensão das mesmas que farão parte da sua vida e amplia sua relação com a arte e a cultura.

Enquanto educadora me senti fascinada com a interação deles com a proposta, no capítulo 2 foi feita uma pergunta: É possível trabalhar artes no berçário? Considerando que a relação da criança se dá de forma natural, é possível sim, trabalhar Artes no Berçário, cabendo ao educador ter a sensibilidade de criar metodologias adequadas á idade permitam um primeiro contato com a arte e se, se: “Ensina a criança o caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.” Provérbios 22:6

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. *Apostila de Artes-Artes Visuais*. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.

BARBIERE, Stela. *Interações: onde está a arte na infância?* São Paulo: Blucher, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino das Arte*/Ana Mae Barbosa (org). In: *A educação do olhar no ensino da arte*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008. Cap. 6, p. 71-82.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DONDIS, Donis A. *A sintaxe da linguagem virtual*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/7772959/Sintaxe-Da-Linguagem-Visual-Donis-A-Dondis-72dpi#scribd>> . Acesso em 22 de setembro de 2015.

HOLANDA, Juliana. *Entrevista Anna Marie Holms*. Disponível em: <<http://revistaeducacao.com.br/textos/219/eco-contemporaneoconhecida-por-seu-trabalho-com-os-bebes-a-artista-356317-1.asp>>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.

MAURA, Daniela. *Abordagens sobre o material didático no Ensino de Artes Visuais1*: UFMG, 2015. Belo Horizonte.

PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org); GOUTHIER, Juliana. *Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais: História do Ensino de Arte Visuais*. Belo Horizonte, MG: Escola de Belas Artes da UFMG, 2014. p.11

SOUSA, Rainer Gonçalves."A arte rupestre"; *Brasil Escola*. Disponível em: <. <http://www.brasilecola.com/historiag/a-arte-rupestre.htm>>. Acesso: em 10 de outubro de 2015

STABILE, Rosa Maria. *A expressão artística na escola*. São Paulo: FTD, 1988

**ANEXO – Carta de autorização**

Prezados Responsáveis,

Solicito autorização para que o menor \_\_\_\_\_, que participou das atividades com texturas, acontecida em setembro de 2015, no Centro de Educação Infantil “Nelson Alvarenga” Formiga – MG, possa ter sua imagem veiculada no trabalho de pesquisa da aluna Edna da Silva, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais, do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Atenciosamente,

Edna da Silva.

\_\_\_\_\_  
Assinatura dos pais ou responsáveis